

MEMÓRIAS DE FAMÍLIAS MIGRANTES: IMAGENS DO LUGAR DE ORIGEM*

Célia Toledo Lucena**

Construindo imagens do passado

Lembrar é muito mais uma atividade do presente do que deslocar para o presente fatos já vividos. Rememorar não é o mesmo que viver novamente o passado, mas sim a releitura do sujeito que a produz, numa sociedade que se diferencia daquela à qual se refere a lembrança. A memória reescreve a realidade vivida pelo grupo, e as lembranças são imagens construídas, produzindo o conjunto das representações dos entrevistados¹ e que adquirem um caráter coletivo.

Nesse vai-e-vem entre presente e passado, o relato de vida é sempre uma interpretação atual dos fatos passados. Nessa interpretação, memória e imaginação estão mescladas. “Memória e imaginação não se deixam dissociar”.² Uma e outra constituem a fusão da lembrança e da imagem. O depoente, ao desencadear o fluxo da memória, não consegue evitar as fantasias contidas na imaginação, lapsos, artifícios contidos em interpretações. A subjetividade se apresenta como um componente ativo na elaboração da narrativa e cujo encadeamento se realiza pela alocação de imagens que “falam” do sentimento do vivido. As imagens identificam representações do passado, o “eu anti-

* Este artigo é parte de pesquisa de doutorado: *Refazendo trajetórias: Memórias de migrantes mineiros em São Paulo (Jardim Barbacena: 1960 - 1995)*. Tese defendida no Programa de História, PUC, São Paulo, em 1997.

** Professora de História da Filosofia, UNIBAN - SP.

1 Bosi, E. *Memória e Sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo, T.A. Queirós, 1987, p. 17.

2 Bachelard, G. *A poética do espaço*. In Os Pensadores, XXXVIII, São Paulo, Abril Cultural, 1974.

gamente” do depoente, e, ao mesmo tempo, as suas representações do sentido de “estar aqui hoje”. Portanto, a subjetividade é um elemento dinâmico na elaboração das representações do vivido e, a partir de considerações da presença da subjetividade, é possível explicar o movimento da memória que continuamente se aproxima e se afasta da objetividade, durante o ato da rememoração.³

As lembranças pessoais são dotadas de preceitos de comportamento, de apresentação de imagens que não podem ser tratadas como o “verdadeiro” testemunho do privado.⁴ “O ato de rememorar encontra um conjunto de intenções conscientes e inconscientes que selecionam e elegem – escolha que é derivada de incontáveis experiências objetivas e subjetivas do sujeito que lembra”.⁵ Assim, o tempo e o espaço estão na memória e se apresentam sob a forma de imagens.

A relembração utiliza inúmeros espaços que são referenciais dotados de significados, subordinados ao tempo e ao espaço e às relações sociais, familiares, de detalhes da intimidade e de imagens sonhadas. O lugar recebe a marca do grupo e este a marca do lugar.

Cada aspecto, cada detalhe dos modos de vida de grupos migrantes têm um sentido que, muitas vezes, é inteligível apenas para os próprios membros, pois existem, entre eles, vínculos que os ligam ao lugar de origem e ao de destino. Nas lembranças desses homens e mulheres, “não é somente o tempo que vacila, são os lugares, o espaço”⁶ e acontecimentos fortes, tais como mortes, mudanças, causam alterações nas relações do grupo com o lugar e, a partir daí, não será exatamente mais o mesmo grupo, nem a mesma memória coletiva, nem mais as mesmas imagens, nem o mesmo ambiente material.

Uma vez superados a angústia, o medo, a resistência e os ressentimentos do momento da mudança, o olhar para trás, o juntar traços vivenciados no passado reforçam em migrantes os sentimentos de pertencimento do grupo.

3 Fraga, E. K. C. As questões da subjetividade e História oral. Fala realizada com orientandos. PUC-SP, 10/3/95.

4 Veja-se em Marina Maluf, “Ruídos da memória”, comentários sobre a representação do vivido e a palavra escrita. Marina Maluf, ao analisar correspondências familiares, observa que o material memorialístico ao mesmo tempo se aproxima e se afasta da objetividade (p. 40).

5 Maluf, M. *Ruídos da memória*. São Paulo, Siciliano, 1995, p. 70.

6 Poulet, G. *O espaço proustiano*. Rio de Janeiro, Imago, 1992, p. 16.

Da mesma forma que o tempo não é perdido, o espaço também não é. Analisando Proust, Georges Poulet diz que “ao lado do tempo reencontrado está o espaço reencontrado. Ou, para ser mais preciso, está um espaço *enfim encontrado*, um espaço que se encontra e se descobre em razão do movimento desencadeado pela lembrança”.⁷

Na memória de migrantes mineiros, verifica-se que os lugares do passado vão e vêm. Os lugares vacilam tanto quanto o tempo, ou seja, a lembrança oscila entre o passado e o presente e entre os dois lugares, o espaço abandonado e o reencontrado. A ressurreição do passado faz com que os depoentes evoquem, ao mesmo tempo, espaços situados na Mantiqueira e lugares na periferia de São Paulo. Os exercícios da memória forçam o espírito a fazer um vai-e-vem entre tempos e espaços distintos. Essas múltiplas camadas de tempo e espaço são representações vivas pelas quais os migrantes percebem o intercâmbio de experiências no decorrer da existência.

É na memória que se encontra a relação tempo e espaço. Segundo Michel de Certeau, a justaposição de dimensões heterônimas diz respeito ao tempo e ao espaço ou estado e ação. Para ele, o mundo da memória intervém no momento oportuno e produz modificações no espaço. O tempo fica como espaço intermediário, “estranheza que sobrevém de alhures e produz a passagem de um estado dos lugares para o seguinte”.⁸

Os depoimentos coletados de um grupo de migrantes mineiros instalados na periferia de São Paulo, na década de 60, revelaram que o espaço de origem abandonado e o espaço conquistado são diferentes, reunidos num só conjunto e com pluralidade de tempos: do arraial, da Igreja, da mudança, da festa, do trabalho, da família, do bairro, do urbano. São lugares mistos, entrelaçados de sinuosidades coletivas e individuais, de rituais profanos e sagrados.⁹

O espaço mineiro é caracterizado pelo campo como centro da vida e o tempo marcado pelo seu ritmo particular. A metrópole é caracterizada como espaço de tempo disciplinado. É um lugar onde impera a criação do sujeito universal e anônimo. Os seres humanos têm o poder que, aparentemente, os animais não possuem, de construir

7 Poulet, G., op. cit., pp. 54-5.

8 Certeau, M. de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 1994, p. 160.

9 O grupo de migrantes mineiros, objeto de estudo nesta pesquisa, era formado por sítiantes da região de Barbacena, Minas Gerais. Abandonaram a terra e o arraial e, chegando em São Paulo, instalaram-se na periferia, município de Cotia, vila que após loteada recebe o nome de Jardim Barbacena.

a idéia de tempo a partir da consciência de certos traços que caracterizam a experiência.¹⁰ O tempo não é uma duração contínua, é um aglomerado de instantes. “O poder de fazer renascer o passado e torná-lo o presente subjaz, pois, na escuridão insondável da reminiscência”.¹¹

No novo lugar, o migrante constrói a própria relação das práticas do espaço com a ordem construída. Seus relatos são verdadeiras coletâneas de imagens ligadas a inúmeras histórias perdidas, justapostas numa colagem entre múltiplos tempos e na organização da memória, no processo da narrativa, o espaço paulista surge como um novo lugar praticado.¹²

Lembranças do território familiar

A história oral permite articular o passado no presente, faz com que o entrevistado volte à sua origem e busque os princípios de sua identidade.

A memória coletiva familiar não é homogênea, entretanto inúmeras imagens das lembranças construídas nos relatos individuais coincidem com a “imaginação compartilhada” do grupo familiar. Nas interpretações das memórias de família, colhidas em duas gerações, foi estabelecido um confronto entre o território do passado e o espaço conquistado em São Paulo. A casa¹³ e a família formam, com sua complexidade, imagens para a análise das representações do espaço deixado e do conquistado e dos respectivos papéis dos personagens nas condições contraditórias de gênero e geração.

A transferência de símbolos e invenção de ritos passam a ser indicadores da memória do grupo. Na montagem do mosaico das vidas desse grupo de migrantes, foram recuperadas lembranças do cenário rural, do tempo vivido em Minas.

Nas entrevistas dos migrantes é constante a referência ao território familiar mineiro. A memória da casa mineira tem um significado individual, que diz respeito às lem-

10 Whitrow, G. J. *O tempo na história. Concepções sobre o tempo da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro, Zahar, 1993, p. 206.

11 Arruda, M. A. N. Minas: tempo e memória. In: *Ciências sociais hoje*, São Paulo, Vértice/ANPOCS, 1988, p. 225.

12 Certeau, M. de., op. cit., p. 187.

13 Para Bachelard, num estudo fenomenológico dos valores da intimidade do espaço interior, a casa é, evidentemente, um *locus* privilegiado. Ver Bachelard, G., op. cit., p. 357.

branças e singularidades de cada família, ao mesmo tempo, tem um significado coletivo, com significados mais amplos, de espaços coletivos, de lugares vivenciados por um grupo social composto de pessoas aparentadas. As lembranças pessoais estão contidas nas impressões do grupo de onde surge o sentimento de apego ao lugar de origem.

A memória do trabalho dos migrantes de Barbacena é a memória da terra da família. A palavra “terra” significa território familiar, herdado ou comprado, contendo a casa, familiares, criações e plantações. Designa também o arraial, a paróquia e os lugarejos ao redor. “Terra do patrão” são as fazendas dos criadores de gado da região, território não familiar, porém lugar de trabalho ligado ao mundo capitalista.

Todo o passado é revivido e sonhado no novo espaço. No imaginário do grupo, fantasmas e sonhos, das diversas moradas, interpenetram-se e guardam os tesouros dos dias antigos.

As lembranças do trabalho estão relacionadas à “fartura de comida” e aos baixos salários que recebiam dos fazendeiros. Os sítios herdados tiveram um papel importante nas histórias de vida desses mineiros. Assim, o pisado do pilão fazia parte dos sons do território familiar. A imagem e o som do pilão acompanham a fala de José Louro Divino, quando lembra a fartura da alimentação em Minas. A “fartura de comida” para ele está relacionada ao serviço manual e à carga de trabalho artesanal, mensurada no tempo da experiência e na poesia dos dias antigos.

Lá em Minas tinha o problema, você tinha que buscar lenha se você quisesse comer, tinha que pilar café, tinha que pilar arroz, tinha que moer o milho de noite. Levava no moinho a uma distância de uns quatro quilômetros o saco de milho, deixava moendo e depois ia buscar o fubá. Aqui não, você tem tudo na mão, mas lá você tinha que fazer tudo para se alimentar. Tinha todo alimento, com muita fartura, mas tinha que apurar ele, senão você não comia. (José Louro Divino, 22/4/1994)¹⁴

Nos depoimentos, a farta alimentação está ligada à terra da família e ao plantio. Tinham plantação de arroz, feijão, horta e árvores frutíferas. Entretanto, o chefe da família que trabalhava como meeiro,¹⁵ arrendatário ou ambulante, ganhava muito pouco. A migrante Bila Brito expressa essa situação quando diz:

14 José Louro Divino, 49 anos, proprietário de bar. Entrevista gravada em São Paulo, 22/4/1994.

15 O trabalhador “meeiro” plantava feijão e milho, cuja colheita era dividida com o patrão.

Meu pai ganhava pouco, o que meu pai ganhava não dava pra comprar uma coisa pra dentro de casa.¹⁶

Quando os depoentes refazem as lembranças da antiga morada em Minas, viajam até o “país da infância” e lembram de sonhos remotos, de sonhos submersos, de sonhos destruídos no passado distante. Marieta do Nascimento relembra a destruição da casa, como se o sonho distante fosse destruído:

Meu pai assim que casou, de pouco comprou um terreno. Lutou muito para trabalhar para pagar esse terreno. E fez a casa, a casa nossa, casinha boa, toda de bloco. Quando nós viemos prá cá, ele vendeu para um homem e o homem desmanchou e fez tudo pasto. Tinha laranjal, aquela laranja doce, tinha pé de pêra, pé de parreira, os cachos ficavam todos pendurados assim.¹⁷

A memória da família está ligada à terra, à vizinhança, ao arraial e à Igreja. A casa, a família e a vizinhança são núcleo de identificação. “Se os lugares familiares podem nos abandonar algumas vezes, também podem retomar e recuperar o seu lugar primitivo, para nosso imenso alívio. Vê-se que os lugares comportam-se exatamente como os momentos do passado, como as lembranças. Eles vão e vêm”.¹⁸ No vai-e-vem dos movimentos da lembrança, o migrante retoma a família, o arraial, a festa, a Igreja como *locus* de suas tradições.

Nos migrantes mineiros do Jardim Barbacena, o vínculo rural é forte. Está presente no espírito familiar e nos costumes que revelam as heranças rurais. A ritualização do passado mineiro “como forma de preservar a identidade, encontra o seu *locus* privilegiado no universo das relações familiares”.¹⁹ E, nesse sentido, a identidade é o resultado de um processo de apropriação de uma cultura e de uma simbologia adquirida nas relações familiares.

Ao se levar em conta o passado colonial, vê-se que a família brasileira se apresenta com uma estrutura patriarcal, rural e de acentuada dominância na vida social. A família e a vizinhança são o núcleo de identificação, a grande família no mundo rural se estende pela vizinhança, formando um grupo aparentado.

16 Bela Brito, 39 anos, recepcionista de hospital. Entrevista gravada em São Paulo, 22/4/1994.

17 Marieta do Nascimento, 71 anos, costureira. Entrevista gravada em São Paulo, 11/4/1994.

18 Poulet, G., op. cit., p. 20.

19 Arruda, M. A. N. *Mitologia da mineiridade*. São Paulo, Brasiliense, 1990, p. 192.

A família é o centro da vida afetiva do indivíduo, na qual as relações sociais refletem a busca de segurança, sustento e proteção. A família proporciona aos seus membros apoio emocional e econômico, pois os diversos membros da “família imediata” colaboram para a produção do alimento, construção e manutenção de moradia e abrigo e manufatura de objetos necessários à vida cotidiana.²⁰ Nesse sentido, a análise da trajetória de vida de grupos migrantes sob o discurso da memória da família possibilita a compreensão de que as experiências de vida desses sujeitos nos lugarejos mineiros tinham como valor cultural a vida em família, através de relações de vizinhança. A organização familiar que possuíam levou o processo migratório a ser realizado como projeto familiar. A depoente Bila Brito confirma o convívio familiar, nas roças mineiras:

Nós morávamos todos juntos. Morava meu pai, minha mãe, nós somos em nove irmãos. Tinha minha avó também que morava do outro lado, ela tinha o moinho de fazer fubá. Tinha meu avô, minha avó, meus sobrinhos. E a gente morava assim, todos reunidos. (Bela Brito, 10/8/1995)

No meio rural, a família constitui o meio para a transmissão dos conhecimentos e habilidades de uma geração a outra. É no seio da família que se processam as relações sociais entre os dois sexos. Na transmissão dos costumes, usualmente o pai e a mãe são os principais agentes desse processo. Muitas vezes, participam tios, tias, avós e, às vezes, os próprios irmãos. Aos homens é reservado o mundo público, do bar, da venda, das conversas no arraial, dos jogos de futebol e de malha. Para a mulher, é reservado o mundo do lar, da casa e dos filhos. “A memória feminina, assim como a escrita feminina, é uma memória familiar, semi-oficial”.²¹

Recorrer à variedade de gênero é um meio para compreender a complexidade das relações sociais. Segundo Joan Scott, “o gênero é uma primeira maneira de dar significado às relações de poder”.²² À mulher é reservado o refúgio na familiaridade, no espaço privado e, ao homem, o poder das decisões em família e de trabalho.

20 Pierson, D. Família e compadrio numa comunidade rural paulista. *Sociologia*, São Paulo, USP, volume XVI, nº 4, pp. 370-371, 1954.

21 Perrot, M. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 9, nº 18, p. 10, ago/set 1989.

22 Scott, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, vol. 15, nº 2, p. 16, ju/dez 1990.

Nos depoimentos das mulheres migrantes, ao lembrar da rigidez e da vigilância familiar em Minas, salientam que os namoros e casamentos eram regidos pela família. O namoro, em particular, era fortemente vigiado e era difícil o moço e a moça conhecerem-se bem antes do casamento porque, em geral, não podiam estar a sós, desacompanhados. Os rapazes, após o casamento, assumiam papel autoritário e dominador e as meninas eram educadas para acreditar que deviam obedecer aos pais e, futuramente, aos maridos. E os meninos, que tinham o poder de corrigir e mandar em suas esposas.

As filhas eram fiscalizadas e protegidas, não podiam nem dormir em casa das amigas. A mulher era criada para ficar dentro de casa. A escolha do cônjuge era sempre iniciativa do pai para os filhos dos dois sexos. A mulher era submetida aos desejos paternos de forma mais rígida do que os rapazes. Os padrões ideais atribuíam ao pai a iniciativa de escolha de parceiros para os filhos “e os mais velhos contam por vezes que conheceram a esposa ao pé do altar”.²³

O depoimento da mais velha dos entrevistados, Celeste da Silva, 96 anos, ao descrever seu casamento, vem ao encontro da afirmação mencionada acima. Celeste aponta como um mal o hábito da família, das uniões forçadas, escolhidas pelos pais:

Casei sem conhecer o marido, fui conhecê o marido na Igreja, no dia do casamento. Porque eles é que fazia antigamente, quando eu fui criada, os pais da gente é que fazia o casamento, não era a gente não. Eles é que marcava prá lá e eu coitadinha fui igual cachorro sem dono, que pega pela orelha e dá pros outros. Assim que aconteceu comigo.²⁴

A depoente Bila Brito deslocou-se para São Paulo quando era adolescente, e aponta a “fuga” como estratégia de casamento para as moças de seu tempo em Minas. As moças preferiam “fugir” com o namorado, como forma de escapar da escolha dos noivos feita de forma arbitrária pelos pais.

Os pais lá, onde a gente morava, os pais eram muito assim de escolher o marido para as moças. Você vai casar com o fulano ali, e elas aceitavam, porque não conhecia outro, né. Ou você casava ou ficava naquela vida que nem a gente tinha. Então, muitas moças era assim. Minha irmã, ela fugiu com 17 anos. (Bila Brito, 11/4/1994)

23 Cândido, A. A vida familiar do caipira. *Sociologia*, São Paulo, USP, vol. XVI, nº 4, p. 343.

24 Celeste da Silva, benzedeira, 96 anos na ocasião da entrevista em 29/04/1993.

Bailes, festas, também passavam pela vigilância paterna.²⁵ A festa profana, realizada em casa de estranhos ou espaços geograficamente distantes da residência, não era bem aceita pelo pai. Muitos deles não permitiam que as filhas participassem das danças, pois as consideravam algo muito moderno. Nas famílias do trabalhador humilde há forte presença dos comportamentos tradicionais.

As migrantes da segunda geração revelam, em seus depoimentos, as formas de negociação com o pai para conseguir permissão para ir a festas. Manter a roupa usada até o momento da permissão do pai significava respeito à autoridade paterna. O depoimento de Bila evidencia o papel feminino na sociedade patriarcal:

Meu pai era muito rígido. Para a gente ir em festa era assim: a gente tinha que tomar banho, vestir a roupa limpa e a suja por cima, porque se ele chegasse e encontrasse a gente bonitinha a gente não ia, não! Ele achava que a gente estava passando a autoridade dele. Para ir num baile, tinha que ir com os vizinhos.

No olhar das mulheres da segunda geração, a rigidez da autoridade paterna foi afrouxando com o decorrer do tempo, na cidade grande os hábitos foram mudando, a mulher foi adotando roupas mais modernas, principalmente após o seu ingresso no mercado de trabalho.

Bila expressa, ainda, percepções a respeito dos direitos da mulher, da ampliação das oportunidades de trabalho e das novas dimensões entre as relações de poder entre os dois sexos. O alongamento dos espaços conquistados pela mulher no setor profissional, é uma conquista associada ao urbano:

Aqui é muito bom. Tudo, educação, meio de sobrevivência, as coisas mudou. Hoje, por exemplo, aqui não tem problema uma mulher já de idade estudar, não tem esse preconceito. Hoje, já não tem esse negócio da mulher ficar por baixo do homem, já foi esse tempo. (Bila Brito, 22/4/1994)

Com relação aos estudos, no tempo vivido em Minas, havia uma despreocupação com as filhas, pois os pais achavam melhor que elas não estudassem. Mantê-las em casa, no seu entender, era uma forma de proteção. Já, os filhos, eram criados com mais liberdade, podiam circular sozinhos pelas estradas a caminho da escola, do arraial. Segundo Divina de Oliveira²⁶, a “filha mulher” não podia estudar, pois, aprendendo a

25 Antônio Cândido quando fala em “família caipira” refere-se a uma modalidade de organização familiar, do tipo patriarcal desenvolvido no Brasil do tempo da Colônia.

26 Divina Moreira de Oliveira, 74 anos, dona de casa. Entrevista gravada em São Paulo, 20/04/1994.

escrever, poderia enviar cartas para rapazes, na opinião de seu pai. “Filha mulher não podia ter leitura, porque elas pegavam a escrever para os outros”, lembra Divina.

Nos depoimentos femininos, percebe-se que os papéis dos personagens são definidos pelos costumes, que reservam lugares a cada um dos sexos nos espaços em que convivem. Nesta perspectiva, a análise da vida familiar facilita ao pesquisador desvendar conflitos e captar os múltiplos significados das histórias de vida do grupo migrante. Os depoimentos estão ligados às condições e ao papel de cada um na família e no grupo social.

As migrantes, na condição de mulheres de trabalhadores, desempenharam papel importante na luta pela adaptação no urbano, defendendo a melhoria do padrão de vida da família, além de seu papel tutelar de donas-de-casa.

Nas memórias familiares, os migrantes compartilham das lembranças das celebrações religiosas e dos festejos vividos no arraial mineiro.

O arraial e as celebrações religiosas

O bairro rural é composto de um grupo social formado de famílias que se dedicam ao mesmo tipo de trabalho e professam a mesma religião.²⁷

O bairro mineiro de Paraíso Garcia²⁸ é constituído por famílias de sitiantes, formando um grupo de vizinhança aparentados. A “parentela de sitiantes” constitui um grupo de parentesco formado por várias famílias, vivendo cada qual em sua morada, com vida econômica independente uma das outras. As famílias possuem laços e obrigações recíprocas. Como esses laços se estendem ao grupo de vizinhança e às relações de compadrio, na prática, o bairro rural é uma extensão da instituição da família.

Paraíso Garcia é um arraial formado por pequenos proprietários de terras e a economia é baseada na roça cultivada, nas terras familiares, e a sobrevivência é garantida pela venda de algum excedente da produção e pela realização de trabalhos em terras de fazendeiros da região como arrendatários ou trabalhadores ambulantes.

27 Antoniasse, M. H. R. Família camponesa na bibliografia sócio-antropológica sobre o meio rural: padrões culturais e obtenção dos meios de vida. Cadernos Ceru, nº 5, série R, p. 103, 1994.

28 Paraíso Garcia, distrito que pertence ao município de Santa Rita de Ibitipoca, região de Barbacena. Lugar de origem da maioria dos migrantes instalados no Jardim Barbacena, São Paulo.

Entre os princípios da sociabilidade estão as relações desenvolvidas dentro do sistema de vizinhança e compadrio que, na maioria das vezes, vêm reforçar os laços familiares. Toda criança tem um padrinho e uma madrinha de batismo, escolhidos por seus pais. Daí por diante, os pais da criança e os padrinhos estabelecem laços de obrigação, simbolizados pelo termo compadre e comadre. Para D. Pierson, “o sistema de compadrio é funcionalmente uma extensão da instituição da família”.²⁹ As crianças, ao adquirirem padrinhos, obtêm seus segundos pais. Os padrinhos, por sua vez, adquirem os deveres de desempenharem funções paternas junto aos afilhados, no caso de ausência dos verdadeiros pais. No momento da crisma outro padrinho ou madrinha é escolhido.

Nas relações familiares de vizinhança dos arraiais mineiros, processam-se relações de gêneros. As mulheres nunca participam dos grupos de conversa que se formam, com muita frequência, na venda, no bar ou no armazém. As relações sociais das mulheres são restritas à casa e à vizinhança. Elas freqüentavam o arraial nos dias de festa e procissão. Nas festas, tanto religiosas como profanas, vêm-se as mulheres conversando em seus próprios grupos, entre irmãs, cunhadas e vizinhas. As mulheres só falam com um homem quando ele é parente da família. É raro irem ao povoado fazer compras na venda; os filhos menores ficam encarregados dessa tarefa.³⁰

Os laços de compadrio entre as mulheres são lembrados por Sebastião Divino:

As vizinhas, as mais próximas, era uma que morava bem de lado, e depois umas outras comadres, vizinhas de infância de minha mãe, que moravam assim distância de 600 metros, um quilômetro, dois quilômetro. Às vezes se reuniam, uma ia para a casa da outra, se reuniam e ficavam batendo o papo delas lá.³¹

A venda representa um papel importante para os encontros masculinos no arraial, enquanto as mulheres tecem o seu dia-a-dia no seio da família, na casa, cuidando do preparo das refeições, das roupas da família, os homens estabelecem, estreitam suas relações sociais e de trabalho nos encontros periódicos na venda do povoado: é o ponto

29 Pierson, D. Família e compadrio numa sociedade rural paulista. *Sociologia*, São Paulo, USP, vol. XVI, nº 4, pp. 370-1, 1954.

30 Cândido, A. op. cit., p. 135.

31 Sebastião Divino, 47 anos, pedreiro. Entrevista gravada em São Paulo, 23/4/1994.

para jogar conversa fora, tomar um trago, procurar ofertas de trabalho, negociar com patrões, comprar mantimentos e fazer barganhas.

Ao falar das tardes de domingo em Paraíso Garcia, Sebastião Divino relembra os jogos de malha de que participava com os rapazes da vizinhança, mencionava a venda como ponto de referência.

Tenho muitas recordações daquele lugar ali. De fim de semana, tinha um senhor que hoje ele mora aqui também, ele tinha uma venda e a gente ficava na porta da venda, jogando malha, você conhece malha? Malha é uma chapa de ferro, baixinha, então coloca dois pauzinhos lá e dois aqui, então eu e você joga daqui prá lá e dois prá cá. Então nós vamos jogar, se você jogar a malha e quebrar um daqueles pauzinhos, você marca um ponto. (Sebastião Divino, 23/4/1994)

A venda como local de abastecimento nas povoações e estradas do mundo rural mineiro foi descrita, em 1867, por Richard Burton, antropólogo britânico, viajante que passou pela região de Barbacena a caminho de Vila Rica. Para ele, a venda comercializa

de tudo, desde alho e livro de missa, até cachaça, doces e velas; às vezes, é dupla, com um lado para secos e outro para molhados. Um balcão, sobre o qual se embalança uma grosseira balança, divide-o no sentido do comprimento. Entre ele e a porta, ficam tamboretas, caixas e barris virados para baixo. O freguês cumprimenta o dono, levando a mão ao chapéu, e o dono o convida para sentar-se. Atrás do balcão, é o espaço sagrado, que leva ao gineceu.³²

É oportuno entrelaçar a subjetividade da memória de Sebastião Divino com a lembrança de cenários vividos pelo viajante inglês Richard Burton. A experiência subjetiva e individual “é sempre fortemente carregada de sensibilidade, imbuída de afetos vividos e revisitados quando editor; por exemplo, em um diário pessoal ou em uma entrevista de pesquisa”.³³ Cada pessoa que lembra o cenário visto ou vivido produz uma interpretação pessoal movida pelo desejo e pela imaginação.

O migrante Sebastião Divino, que viveu parte de sua vida no arraial de Paraíso Garcia, entrelaça subjetividade com identidade. Para o viajante, seus diários são sucessão de eventos vividos, uma coletânea de imagens diferentes e vivenciadas em momentos

32 Burton, R. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1976, p. 101.

33 Brandão, C. R. O sentimento do mundo: memória, destino e cenário da vida entre errantes mineiros. In: Brandão, C. R. (org.). *As faces da memória*. Unicamp, Coleção Seminários as faces.

de passagem pelos cenários. Tanto para o que viveu como para o que passou pelos locais, associa imaginação e memória no ato da criação de imagens. Cada aspecto, cada detalhe do lugar vivido tem mais sentido para o membro que viveu parte de sua vida no lugar lembrado, pois existe entre ele e o lugar vínculo afetivo. No entrelaçamento das narrativas, no confronto das lembranças refaz-se o ato da criação de imagens e reconstrói-se a imaginação coletiva do lugar de origem.

No cruzamento de múltiplas memórias do arraial, emerge uma memória compartilhada entre os migrantes, em que a festa, que remete a um tempo rural, agrário, é vivenciada por todos. No arraial, as festas religiosas, cavalhadas e desfiles de carro de bois fazem parte do cenário da lembrança que remete ao mundo rural mineiro, onde as famílias reforçam seus laços de amizade e de obrigações recíprocas. A festa é o principal setor da vida recreativa, representação do tempo, vivência e experiência de sociabilidade e oportunidade para o exercício de formas de poder.

O mineiro da zona rural é ligado aos campos, ao arraial e à Igreja. O pátio ao redor da Igreja é o espaço dos festejos e manifestações religiosas: a queima da fogueira, o leilão, fogos de artifícios, congada, moçambique, cavalhadas e “procissões ganham a rua onde desfilam volumosas”.³⁴

Portanto, a festa religiosa é um dos momentos mais importantes e significativos da tradição local e as festas dos padroeiros envolvem, inclusive, os acontecimentos mais importantes da vida individual e comunitária.³⁵

A prática religiosa está ligada à necessidade sacramental, vinculada às relações de participação entre o natural e o sobrenatural, na ligação entre o cósmico da vida litúrgica e o ritmo do trabalho agrícola e no confronto entre a festa litúrgica e o campo. A festa é uma relação participativa que concilia e coloca em oposição aspectos sagrados e pagãos, lida com os aspectos do conformismo humano e busca consolo na solução dos problemas ligados ao meio físico e rural. Somente a memória pode permitir um tratamento refinado, das sucessivas “celebrações” religiosas; fora isso, correr-se-á o risco das generalizações de tornar tudo igual.

34 Latif, M. M. B. *As Minas Gerais*. Rio de Janeiro, Ed. SAA Norte, s/d, p. 147.

35 Alphonse Dupront, ao trabalhar a antropologia religiosa como conhecimento do homem religioso, inspirado em George Le Bras, faz comentários sobre sua interpretação dos comportamentos coletivos de religião no campo geográfico francês, Veja-se Dupront, A. *A Religião: antropologia religiosa*, in Le Goff, J. e Nora, P. *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, p. 83.

A festa é entendida como tradição, porque se repete. Cada vez se realiza de uma forma nova. Quando se repete, não é uma coisa distinta, nem uma simples rememoração daquela de origem. “A experiência temporal da festa é a celebração, um presente *sui generis*. As festas periódicas se caracterizam porque se repetem. A isto se chama o retorno à festa”.³⁶ A festa que se realiza no ano posterior não é um festejo distinto do anterior e também não é uma simples rememoração. A festa é uma celebração que tem seu caráter originariamente sacral, seu retorno implica sempre expectativas e recordações.

O caráter temporal da celebração não deve, portanto, ser entendido como experiência temporal de sucessão, pois a festa se modifica de uma vez para outra e, em cada ocasião, ela é algo distinto. O retorno da festa aparece como uma temporalidade histórica. Nas memórias coletadas, as lembranças de Minas são marcadas pelos festejos e, na organização da narrativa, o depoente utiliza informações recolhidas de sua própria existência e da dos outros, saltando sobre o espaço e o tempo.

Os migrantes oriundos de Paraíso Garcia, em suas reminiscências, entendem a festa como uma comemoração lúdica, religiosa e social. A festa marca o tempo cristão, a mudança de estado, o calendário agrícola e o retorno à terra.

O ano festivo de Paraíso Garcia é iniciado e encerrado com a cantoria das Folias. A Folia – que quer dizer dança, folguedo – cultivada no Brasil é de origem ibérica, foi trazida por portugueses, e tem, portanto, quase cinco séculos de tradição. As Folias permanecem mais autênticas na zona rural ou em pequenas cidades no interior por todo o Brasil. A Folia de Reis é uma tradição oral³⁷, passada de geração a geração entre foliões da zona rural.

A exemplo dos Reis Magos que viajavam à noite, seguindo a estrela guia para celebrar o nascimento de Jesus, o grupo da Folia de Reis faz suas visitas no decorrer do mês de dezembro, encerrando-se no dia 6 de janeiro. A viola, o surdo, o violão, o cavaquinho e o pandeiro se confundem num ritmo alegre. A melodia se espalha. Na ocasião do Natal e da passagem do ano, iniciam-se as homenagens a São Sebastião, padroeiro do distrito de Paraíso Garcia, através da Folia de São Sebastião. Respondendo à pergunta sobre como eram as festas de Minas, José Louro da Silva responde:

36 Gadamer, H. G. *Verdad y método. Fundamentos de una hermenéutica filosófica*. Salamanca, Ed. Sígueme, 1991, p. 168.

37 Entende-se tradição, na interpretação de Maurice Halbwachs, quando as lembranças se tornam coletivas e são transmitidas de uma geração a outra.

Aquelas festas era uma euforia! (...) Tinha a Folia de Reis. Era uma coisa que lá em Minas a gente fazia muito. Eu era moleque e a gente chegava a viajar 15 horas de pé. Tinha muitas festas, a gente andava, era muito bonito, tocava, tinha baile às noites nas casas, pousava, ganhava pouso, ganhava almoço e ia juntando, um dava boi, dava cabrito, dava leitão, dava porco, dava galinha, dava dinheiro e ia juntando tudo aquilo lá, e quando chegava o final da Folia, no dia 6 (janeiro) que parava a Folia, aí, era o festão do Juca Rodrigues, que era um dos diretores da Folia. Todo ano tem essa Folia de Reis lá.³⁸

A Folia de São Sebastião é semelhante à de Reis: inicia-se em dezembro e vai até 20 de janeiro, dia do Padroeiro, quando o grupo da Folia entrega a bandeira na Igreja, acompanhada de missa, procissão e leilão. São Sebastião é um dos santos mais importantes do mundo rural, pois é o protetor dos animais, protege o gado, protege contra a “fitose”³⁹, febre que abate o rebanho bovino.

Na memória do grupo investigado, a festa do mês de julho, em Paraíso Garcia, tem uma conotação especial. Uma vez definida a data, sempre no terceiro final da semana de julho, o cronograma é elaborado com antecedência para não coincidir com outros festejos da vizinhança. A festa passa a ser uma comemoração prolongada com duração de três dias consecutivos. Nos dois primeiros dias, trata-se de uma homenagem a São Sebastião, no terceiro, a Nossa Senhora das Graças, a festa de julho é oportunidade para o retorno do migrante à terra. Essa comemoração, no decorrer das férias escolares, foi intensificada nos últimos quarenta anos, depois que muitos conterrâneos abandonaram o povoado mineiro. A festa está, pois, ligada ao tempo de rever amigos.

Aquelas datas não são usadas apenas para a prática do ritual, para a devoção aos santos padroeiros: o migrante retorna à terra natal também para rever familiares, pagar a conta dependurada na venda, receber pagamento de terras que foram vendidas e contar aos amigos seu sucesso na grande cidade.

Os festejos na manhã de sábado são iniciados com missa, seguidos de leilão, procissão. À tarde, há queima da fogueira e fogos e, à noite, muita dança. A festa é simples e não exige muita organização. É um evento de que toda população participa. Alguns cuidam da tarefa de coletar prendas para o leilão, outros se preocupam em contratar a banda, em montar a fogueira, comprar fogos de artifício. Tudo acontece de forma natural e espontânea. Cada um possui sua tarefa, e a festa se repete aproximadamente como

38 José Louro Divino, 49 anos, proprietário de bar. Entrevista gravada em São Paulo, 22/4/1994.

39 Fitose: doença bacteriana produzida por vegetais.

um ritual inalterado embora existam sempre mudanças contextuais possibilitando a dinâmica temporal da festa.

Para as mulheres, a memória da festa mineira é associada a lazer, distração e prazer. Não exige muito trabalho nos preparativos, os encargos eram distribuídos de forma coletiva, não sobrecarregando ninguém. A demarcação do poder na organização é feita de forma silenciosa. A celebração na cidade, segundo os moradores do Jardim Barbacena, está associada também aos preparativos. O papel da mulher nos festejos de São Sebastião no arraial mineiro está registrado nas memórias de Marieta do Nascimento:

No dia de São Sebastião, o dinheiro fica para São Sebastião. No dia da festa de Nossa Senhora, fica para Nossa Senhora, para a Igreja, para fazer o trabalho da Igreja. Alí tem aquelas madrinhas, fica tantas pessoas num dia, tantas pessoas no outro. Aquelas mulheres que vão para trabalhar. Umas ficam leiloando, umas ficam pedindo prendas para as outras e ajudam, fazem aquelas mesas de leilão. É um leilão muito bacana. Eu, até hoje, tenho saudades das festas de lá.⁴⁰

Na memória feminina, a festa é entendida como ocasião das moças escaparem da vigilância paterna. Era tempo de usar roupa nova, de fazer amigos e de novas conquistas amorosas. A vida da mulher girava em torno da casa, da família e da vizinhança, e raramente freqüentava o arraial. O mundo da venda, dos bares, pertencia aos homens. Assim, para a mulher, a festa é o espaço de liberdade. Os pais perdem o controle das filhas, que aproveitam para “fugir” na noite dos festejos com o namorado que não é da preferência paterna.

As festas públicas fazem parte da cultura popular, são cultivadas artisticamente e animadas por imagens. Essas festividades são preservadas e renovadas, retiradas do vivido. A população renova e renasce de acordo com suas próprias leis. Os rituais de que participam membros da comunidade local compreendem um conjunto de cenas repetidas ao longo do tempo, em que a perpetuação compõe um verdadeiro veículo de impressão da memória.

Nas lembranças de Divina de Oliveira, a festa ficou distante, no limite do esquecimento. Divina, hoje, vive no mundo urbano; para ela, as imagens da festa pertencem ao mundo rural:

40 Marieta do nascimento, 71 anos, dona de casa. Entrevista gravada em São Paulo, 11/4/94.

Festa de Minas era muito legal, tinha quadrilha, tinha esses movimentos todos, tinha baile. A gente de vez em quando ia. A festa de rua era muito bonita, tinha música, tinha fogueira, era muito bonita. Só não tinha assim muito movimento de carro porque não tinha chegado, né, era longe esse movimento assim. Era difícil ver um carro, mas era legal. Tinha leilão, bastante, leilão de muito gado, muito porco, essas coisas né, porque lá tinha fartura de criação., tinha um leiloeiro... já faz tantos anos que a gente já não lembra mais.⁴¹

A festa migrou junto com o trabalhador, porém a festa sobrevive em São Paulo de forma “inventada”, pois a “festa viva”, os migrantes deixaram em Minas. A retomada da festa em São Paulo não é uma simples lembrança do que se festejou em Minas: toma outra conotação, de acordo com as novas experiências temporais.

As representações da cidade de São Paulo e do espaço abandonado em Minas é uma forma de “melhoria compartilhada entre o grupo de migrantes”.

O passado é lembrado de forma explícita em todos os depoimentos. São frequentes menções sobre a propriedade, a terra, a fartura de comida e, ao mesmo tempo, a falta de dinheiro. Possuíam pequenos sítios, porém não possuíam dinheiro. Fazem menção também à falta de conforto e às dificuldades cotidianas da vida no campo. A migração aparece como solução para a conquista de melhor qualidade de vida e de melhores salários e, na busca desse sonho em São Paulo, fixam-se no Jardim Barbacena, km21 da Rodovia Raposo Tavares.

Em São Paulo, tentam reproduzir a vivência, o calor humano e a solidariedade, tão presentes no “jeito de viver mineiro”. Entretanto, na cidade, embora os migrantes permaneçam coesos como grupo, mantendo laços de vizinhança, sua estrutura tradicional é alterada a partir da necessidade de incorporar as referências e “linguagens” do urbano, como condição de sobrevivência no novo lugar. Com o passar do tempo, vão afrouxando os laços de compadrio, e com novos modos e hábitos “reinventam” o seu cotidiano no bairro paulista. Entretanto, a terra mineira – a Minas Gerais das lembranças dos migrantes – deixa traços, marcas e indícios das origens no viver cotidiano dos novos moradores.

41 Divina da Silva, 74 anos, dona de casa. Entrevista gravada em São Paulo, 20/4/1994.